

1 Introdução

A comercialização da Internet ocorrida em meados da década de 1990 vem acirrando o processo de transformação social, iniciado com a Revolução das Tecnologias da Informação. Novos fenômenos sociais e individuais estão sendo observados em decorrência das experiências no mundo virtual. Mudanças efetivas estão sendo processadas em todas as atividades, seja na economia e na política, seja na cultura e na educação.

Desde 1986 venho prestando atenção às mudanças que a penetração social dos computadores vem causando na Educação, minha área profissional. Nessa época, era estudante do Mestrado em Educação na PUC-Rio e orientei meus estudos e minhas leituras para uma nova área - a da Informática Educativa¹ - que cuida da aplicação dos recursos informáticos na Educação.

Em minha dissertação de mestrado (1990) - *Uma avaliação sobre o uso da Linguagem Logo no processo de construção de noções topológicas* - investiguei a contribuição da linguagem de programação Logo para o aprendizado de noções espaciais (topológicas) de crianças com 6 e 7 anos. Seymour Papert (1985), Gérard Bossuet (1985), Peter Coburn e colaboradores (1985), Michael Apple (1986), Fernando José de Almeida (1987), Léa Fagundes (1985a, 19985b, 1988) Margarete Axt (1988) e José Armando Valente (1988) foram alguns dos pesquisadores, cujos trabalhos sobre informática educativa foram referências para os meus estudos.

Após o mestrado, continuei minha trajetória profissional inserindo-me, cada vez mais, em projetos e atividades da Informática Educativa. Orientei experiências de uso de computadores com alunos, testei e analisei softwares educativos e participei, como docente, de curso de especialização para qualificar professores no uso pedagógico da informática.

A partir de 1996, contudo, uma nova tecnologia – a da Internet – passou a fazer parte da minha vida. Neste ano, tornei-me usuária da rede mundial de

¹ A expressão Informática Educativa refere-se à área de estudos que se preocupa com a inserção do computador no processo de ensino-aprendizagem de conteúdos curriculares de todos os níveis e modalidades de educação. Esse campo de pesquisa e produção começou a ser formalmente definido aqui no Brasil no início da década de 1980, quando aconteceram os dois Seminários Nacionais de Informática em Educação (UnB, 1981 e UFBA, 1982) e que geraram orientações para uma política de informática na Educação. Para maiores informações sobre a área, ler Almeida (1987), Fagundes (1988), Moraes (2000), Moraes (1993), Oliveira (1997) e Valente (1998, 1999).

computadores e vivi os sentimentos que a maioria das pessoas da minha geração teve ao se deparar com esse novo instrumento. Eram sentimentos que mesclavam excitação, deslumbramento, ansiedade, confusão e medo das novas descobertas.

Estranhava esses sentimentos, pois conhecia “teoricamente” a Internet através das leituras e dos relatos de experiências ouvidos em encontros científicos. A experiência pessoal, porém, foi muito significativa. Ela provocou, entre muitas, preocupações quanto aos impactos dessa nova tecnologia na Educação. A minha intuição indicava que esta seria profundamente transformada pela disseminação da rede mundial de computadores.

Várias questões tomaram conta das minhas reflexões. Uma certeza apenas me acompanhava: a de que a comercialização da Internet tinha provocado profundas mudanças sociais, com alterações radicais em quase todas as atividades humanas e, conseqüentemente, no próprio ser humano.

Dentre o emaranhado de indagações que tomou conta do meu pensamento, uma foi se tornando cada vez mais pregnant - o que está acontecendo com os professores desde que a Internet se tornou comercial e passou a fazer parte do cotidiano da sociedade?

Essa questão teve origem tanto nos meus próprios sentimentos e conflitos quanto nas observações que faço do comportamento de colegas professores. Percebo que estes, após tornarem-se usuários da Internet, passam a incorporar novas práticas ao seu dia-a-dia. Alguns aplicam os recursos da rede para facilitar o seu trabalho, ou seja, usam e-mails para a comunicação com outros professores e com os alunos, coletam material pela rede para enriquecer as aulas, participam de listas de discussão, etc. Outros, porém, reagem negativamente às transformações que a Internet está provocando, ou melhor, não aceitam que seus alunos entreguem os trabalhos escolares digitados, fazem severas críticas ao uso da Internet para as pesquisas escolares e expressam grandes preocupações com os alunos que ficam conectados durante muito tempo.

A minha atividade docente na capacitação de professores para aplicar a informática na educação também foi um lugar para observações bastante interessantes. Percebia a reação de professores usando os recursos da Internet e discutindo os propósitos educacionais desta tecnologia (alguns a experimentavam pela primeira vez). As reações eram de ansiedade, excitação, angústia, tensão,

deslumbramento que se misturavam a sentimentos de prazer, medo, insegurança e confusão.

Os depoimentos de professores a respeito da Internet também chamavam a minha atenção. Apresentavam contradições, ora endeusando-a, ora abominando-a. Mostravam, ainda, as preocupações, os preconceitos e as crenças que os professores tinham a respeito da Internet e das conseqüências sociais e individuais provenientes do seu uso, seja no âmbito mais geral da sociedade, seja na Educação propriamente dita.

Os professores pareciam estar incomodados com a presença da Internet, especialmente quando inserida no ambiente escolar. Então me perguntava: por que? Quais seriam as razões desse incômodo? Que impactos a Internet estaria causando nos professores?

Tendo estas questões em mente, busquei na literatura brasileira sobre informática educativa, a produção que tratava mais especificamente da Internet na educação. Esta temática tem ocupado um bom espaço no rol das produções acadêmicas brasileiras nos últimos anos. Mesmo aqui no Brasil, um país de grandes contrastes, com sérios problemas econômicos, sociais e, conseqüentemente, educacionais, a produção científica sobre o tema já é significativa. Uma dúvida, no entanto, estava presente no início de meu trabalho: será que o conhecimento produzido sobre Internet e educação poderia ajudar a esclarecer a natureza e as razões do incômodo dos professores em relação à Internet?

A revisão desta literatura, assim como sua organização em categorias, está apresentada no segundo capítulo, intitulado: *Internet e educação: um panorama da produção acadêmica brasileira*. Neste, mostro as principais tendências, os diversos enfoques e os diferentes temas encontrados em livros, teses e dissertações, artigos de revistas especializadas (especialmente as produções universitárias) e anais de encontros científicos. Busquei, com este trabalho, traçar um panorama da produção acadêmica brasileira sobre Internet e educação nos últimos anos. Como resultado, identifiquei uma produção extremamente heterogênea, multidisciplinar, cuja orientação principal é a produção de um conhecimento que favoreça e apóie o processo de implantação das novas tecnologias na educação. Mais especificamente sobre os professores, meu alvo de investigação, a revisão da literatura revelou a existência de muitas pressões e

exigências sobre estes profissionais, mas pouco mostrou a respeito do que está efetivamente acontecendo com eles, ou seja, quase nada revelou de seus sentimentos, conflitos, desejos, reações, etc, quando em contato com a rede mundial de computadores.

Tentando conhecer um pouco mais a respeito do incômodo dos professores em relação à Internet e assumindo para mim a tarefa de desvendar (pelo menos em parte) o que estava se passando em seu íntimo, desenvolvi, de início, uma pesquisa exploratória. Esta pesquisa, a qual apresento no segundo capítulo, tinha por finalidade ajudar a definir melhor os contornos da pesquisa para esta tese de doutorado. Seus resultados confirmaram o incômodo dos professores que dela participaram em relação à presença da Internet no dia-a-dia escolar. Sugeriram, também, que este incômodo estava relacionado, prioritariamente, às mudanças que a Internet está promovendo nas formas de produzir conhecimento, na concepção do que é ser professor na contemporaneidade e no mercado de trabalho docente, categorias que necessitavam ser melhor investigadas na pesquisa de doutorado.

Foi para compreender as transformações em andamento, especialmente no que se refere a essas categorias, ou seja, ao conhecimento, à identidade e ao mercado de trabalho, que senti necessidade de um referencial teórico mais amplo, ou seja, da literatura que analisa o atual processo revolucionário de um ponto de vista macro. Encontrei, então, nos estudos de Castells, Lévy e Cebrián, cujo pensamento está sintetizado no terceiro capítulo, intitulado “*A Revolução em curso*”, o embasamento necessário para entender as principais transformações que a difusão da Internet vem gerando na sociedade como um todo. E, se a sociedade como um todo está em transformação, a educação e seus atores também estão.

Com o referencial teórico definido, o quarto capítulo - cujo título é “*Com a palavra, os professores*”- apresenta a pesquisa de campo realizada tendo como sujeitos vinte professores de escolas particulares, que atuam na 8ª série e no ensino médio e que são usuários pessoais e profissionais da rede mundial de computadores.

No quinto capítulo – “*Impactos da internet na prática docente*” – são apresentados e discutidos os resultados encontrados na pesquisa de campo. Estes revelam como o grupo de professores entrevistado está lidando com as novidades e sentimentos nas situações de tensão e conflito que relatam vivenciar.

Já no sexto e último capítulo, “*Internet: fonte de tensões e conflitos docentes*”, são discutidos - à luz das transformações sociais mais amplas apresentadas no terceiro capítulo - os principais conflitos que estão: abalando a concepção epistemológica que sustenta a prática docente tradicional, modificando o trabalho pedagógico, tornando-o instável, e introduzindo profundos questionamentos a respeito da identidade docente.